

Osório Adriano quer investimento maior na ciência

“A indústria brasileira se utiliza de 72 por cento de tecnologia importada. O Brasil investe pouco na pesquisa científica e não temos destaque a nível mundial no ramo da ciência pura. Pior, ainda não estamos livres da dependência tecnológica, apesar de próximos do século XXI. Por isso uma das bandeiras do PFL que pretendemos defender na Constituinte será criar condições para dar maior apoio aos programas de desenvolvimento científico e tecnológico, sempre pensando na nossa realidade”.

A proposta é do candidato a senador Osório Adriano, ao enfatizar um dos principais pontos de sua campanha política como constituinte. Osório acha que a geração de tecnologia nacional está diretamente associada à evolução do mercado de trabalho especializado, especialmente no DF.

— Brasília precisa concentrar parte de suas preocupações na criação de novas e boas oportunidades de emprego àqueles que ingressam no mercado de trabalho todos os anos. A implantação de novas empresas micro, pequenas e médias, inclusive aquelas ligadas à área de alta tecnologia, é uma das soluções que temos para acelerar o desenvolvimento econômico do DF, sem poluirmos o meio ambiente — defende o candidato.

Osório fez um levantamento sobre a questão do desenvolvimento científico no Brasil e concluiu que “é preciso investir na formação de trabalhadores da ciência”.

— No nosso País, para cada grupo de um milhão de habitantes, apenas 507 são cientistas, engenheiros e técnicos envolvidos em pesquisas e desenvolvimento tecnológico. É um número muito baixo, mes-

mo comparado, por exemplo, com a nossa vizinha Argentina, que tem hoje 745 pessoas em cada um milhão atacando este problema. Em países muito desenvolvidos, o grau de diferença é assustador: na União Soviética, 5 mil 024 em cada um milhão dedicam-se à pesquisa e produção científica e nos EUA há 2 mil 990 habitantes em cada grupo de um milhão envolvidos neste esforço.

O candidato a senador do PFL cita outros números para justificar sua posição de defesa da tecnologia nacional na Assembléia Constituinte. “Enquanto o Japão investe 1.71 por cento do seu Produto Nacional Bruto na ciência e tecnologia, o Brasil reserva só 0,5 por cento para este item. Se formos analisar o orçamento da União, veremos que só 3,76 por cento são destinados a este setor”, revela Osório Adriano, constatando que há dez anos o Brasil era o quinto país do mundo em população, mas ocupava apenas a 29ª posição em número de trabalhos científicos publicados anualmente.

— Além de aumentar a dotação de recursos para este setor, precisamos investir cada vez mais na formação de nosso contingente científico. Os cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado são poucos e cada vez menos frequentados, resultado de uma estrutura universitária que praticamente impede o aluno de optar pela pesquisa e produção científica. Sem encontrarmos o nosso próprio caminho para gerar e aplicar tecnologia nacional, ficaremos cada vez mais restritos nas possibilidades de ampliação de um mercado de trabalho, que só traria benefícios para a maior parte da população — argumenta Osório Adriano.